



A literatura feminina portuguesa contemporânea: Lídia Jorge e Teolinda Gersão

LUDMILA GIOVANNA RIBEIRO DE MELLO¹

UNESP



A literatura de mulheres e seu estudo são hoje um campo em expansão. Entretanto, o surgimento desse tipo de narrativa foi tardio na historiografia literária. Isso se deve ao fato de a própria condição social da mulher estar também ainda em desenvolvimento.

Foi em meados do século passado que a discussão sobre literatura de mulheres começou a desenvolver-se, pois é somente no final do século XIX e início do XX que grandes mulheres conseguiram realmente transpor a barreira criada pela sociedade, que visava manter a mulher exclusivamente no meio doméstico. Aparecem, então, grandes romancistas, tais como Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot, Virgínia Woolf, Collete, Nathalie Sarraute, Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis e Narcisa Amália de Oliveira Campos, entre outras. Atualmente, sete mulheres já conquistaram o prêmio Nobel de Literatura, dentre elas Nadine Gordimer e Elfriede Jelinek.

Poderíamos afirmar que essa literatura constitui-se como categoria diferente por apresentar estrutura e temas diferenciados do já conhecido “discurso masculino”,

uma vez que a mulher tem uma condição social a ser questionada.

Não podemos deixar de lado o fato de que toda produção artística está intimamente relacionada ao contexto de sua produção e a seu produtor, assim muitos críticos consideram existir realmente uma *literatura feminina*, que seria diferente de uma *literatura masculina*, uma vez que há uma relação direta entre linguagem e sujeito, assim quando uma mulher articula um discurso este carrega suas experiências, criando, dessa forma, personagens femininas mais próximas de sua realidade.

Muitas autoras defendem essa ideia de uma literatura diferenciada entre os sexos, devido à própria formação do ser homem e do ser mulher se dar ainda de forma diferente na sociedade, mesmo na contemporaneidade.

É sobre o papel da escritora contemporânea e suas personagens femininas que Lídia Jorge² e Teolinda Gersão³ discutem nas entrevistas que seguem, realizadas em 2010, em Coimbra, Portugal.

Perguntas iguais foram feitas às autoras, respeitando, é claro, as especificidades de suas obras, e elas tiveram liberdade de responder por escrito apenas aquelas que desejaram.

1 Como a senhora vê o papel da escritora na sociedade contemporânea?

□ L. JORGE – *A escritora, hoje em dia, não tem um papel muito diferente do escritor, na sociedade contemporânea. A sua afirmação resulta da importância da sua obra e da força do seu carácter, no acto de a defender, mas sobretudo, emerge do valor real da sua capacidade criadora. A diferença em relação aos escritores homens tece-se na antecâmara de tudo isso. No seio da família, e dentro de casa, o papel que lhe é pedido continua a ser muito assimétrico em relação ao homem escritor.*

□ T. GERSÃO – *Considero-o exactamente igual ao papel do escritor. Estamos todos no mesmo barco, homens e mulheres, e somos cidadãos com os mesmos direitos e deveres. Os escritores escrevem para homens e mulheres, são lidos por ambos os sexos, e o mesmo se passa com as escritoras.*

¹ Cursando doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de Araraquara, com financiamento da Fapesp, sob a orientação do prof. Dr. Wilton Marques. As entrevistas a seguir só foram possíveis devido à bolsa Capes (PSDE) de que usufrui no segundo semestre de 2010, a qual possibilitou minha estadia na Universidade de Coimbra, Portugal, sob a co-orientação da Profa. Dra. Ana Paula Arnaut, que me apresentou a Lídia Jorge e a Teolinda Gersão.

² LÍDIA JORGE nasceu em Algarve, Portugal. Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Passou alguns anos em Angola e Moçambique como professora secundária durante o último período da Guerra Colonial, o que depois serviu de tema para algumas de suas obras, como *A costa dos murmúrios*, romance publicado em 1988. Escritora de contos e romances, ela recebeu vários prêmios literários importantes, entre eles, os prêmios Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus, Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa, Máxima de Literatura, Ficção do P.E.N. Clube, Jean Monet de Literatura Europeia e Escritor Europeu do Ano.

³ TEOLIONDA GERSÃO nasceu em Coimbra, Portugal, onde estudou e se formou em Germanística e Anglistica, tornando-se, posteriormente, docente de literatura alemã na Universidade Nova de Lisboa. Em 1995, passa a dedicar-se exclusivamente à vida de escritora. Entre as suas publicações, há romances, contos, diários e literatura infantil. Autora premiada na Europa possui entre seus prêmios literários Prémio de Ficção do Pen Club, Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, Prémio Europeu de Romance Aristeion, Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco. Muitos de seus protagonistas são mulheres e algumas delas destacam-se por romperem com o padrão vigente.

2 Como escritora, se vê obrigada, seja pela crítica bem como pela sociedade, a discutir valores, como a questão de gênero, por exemplo?

□ L. JORGE – *Sim, a questão do gênero continua a ser debatida – Que temas seriam próprios das mulheres, que valores elas defendem, que tipo de escrita desenvolvem, e assim por diante. Mas cada vez mais surgem mulheres escritoras que se recusam a falar desse tema considerando que, à partida, ficam logo sujeitas a um gueto. Existe uma espécie de estratégia tácita no sentido de evitar uma discriminação negativa, por essa via. As escritoras sentem que existem diferenças, mas preferem darem-se a conhecer a partir de uma varanda comum.*

□ T. GERSÃO – *Nunca ninguém me obrigou nem vai obrigar a nada, eu não deixaria! E um dos aspectos que mais me atrai na criação artística é a liberdade que nos oferece. Liberdade de exprimir o que nos interessa, e poder comunicá-lo a outros, de uma forma mais forte do que a puramente racional, porque a arte nos toca a outros níveis, mais profundos. E a literatura só me interessa desse modo, como obra de arte. O “pacto” que estabeleço é com os leitores, mas encaro-os como desconhecidos, invisíveis, virtuais. Com eles me comprometo a fazer o melhor que posso e sei, e a crítica mais severa do meu trabalho sou eu mesma, só publico um texto quando ele me satisfaz.*

Tudo o mais não conta, nem a sociedade nem a crítica, ninguém me dita normas nem indica temas nem valores pré-estabelecidos, os temas e valores de que trato são os que me importam, e só isso. Pode parecer uma posição muito orgulhosa, mas é uma escolha ética, e um caminho na verdade humilde e difícil. Obviamente que fico contente se os leitores imediatos (nos quais incluo naturalmente os críticos) gostarem dos livros e os comprarem, mas, se não gostarem e não se venderem, pensarei que é um mal menor, e que não foi a pensar nos leitores imediatos, nem lucro das vendas, que escrevi.

3 “Não existe ‘discurso masculino’, porque não existe ‘condição masculina’. A mulher, vivendo uma condição especial, representa o mundo de forma diferente” (XAVIER, 1991, p. 11). (...) sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes. Uma mesma realidade pode suscitar várias verbalizações, reveladoras de experiências peculiares (...).” (XAVIER, 1991, p. 13). É possível através da escrita e/ou temas diferenciar um escritor – homem – de uma escritora – mulher?

□ L. JORGE – *Sobre a distinção entre escrita da autoria de homens e de mulheres, sim, eu posso imaginar que existem traços tradicionalmente atribuídos às*

escritoras e outros próprios da escrita da autoria dos homens, mas cada vez mais existe uma “trucagem” nesse campo. Um texto não assinado pode fazer incorrer em erro nessa identificação. As diferenças de gênero encontram-se submersas sob outras camadas bem mais diferenciadoras, como seja a língua, a cultura, a etnia, a proveniência geográfica, a formação, a religião...

□ T. GERSÃO – *Não tenho resposta para essa pergunta, na verdade não sei. Têm-se feito experiências que se mostraram surpreendentes: leitores, confrontados com textos de autoria não identificada, classificaram-nos como “masculinos” ou “femininos”, e a percentagem de erro foi enorme. A questão do gênero é muito actual, e reconheço que pode ser interessante e útil em muitos aspectos, mas, enquanto escritora, nunca penso nela. Deixo aos críticos o trabalho de a analisar e debater, inclusive naturalmente nos meus próprios textos, mas na verdade, no que me diz respeito, não penso nesses aspectos quando escrevo. Sentir-me-ia limitada e condicionada se tivesse de pensar nessa questão.*

4 Muitos de seus protagonistas são mulheres, isso ocorre de forma consciente?

□ L. JORGE – *(A instrumentalina – conto; A última dona; A maçõn – teatro) Não, não ocorre de forma consciente. À partida não delibero sobre o “sexo” da personagem. Mas percebo que estou mais perto das mulheres, da sua voz e da sua interioridade. As minhas figuras mais completas são femininas (Evita, Maria Ema, ou Milene) ainda que goste de personagens como Walter Dias ou Osvaldo Campos, e os ame com muita intensidade. Oxalá lhes tenha dado um bom destino literário...*

□ T. GERSÃO – *Não é propriamente voluntário nem intencional, simplesmente acontece. Sendo mulher, é a minha experiência que conheço, a partir de dentro, porque a vivi, e a de outras mulheres que vi viver à minha volta. Digamos que tudo isso fica mais “à mão”. Mas o tema são muitas vezes as relações entre as mulheres e os homens, na sociedade em que vivemos. Posso adiantar que o meu próximo romance, que está praticamente terminado, é escrito na primeira pessoa, e a personagem central é um homem, a “voz” do livro, é portanto masculina. Fascinou-me esse tipo de experiência, entrar, como um actor, numa outra pele, e ver o mundo através de outros olhos.*

5 O que a levou a escrever sobre Adelaide Cabete (A maçõn - 1997). Foi o feminismo de vanguarda da médica?

□ L. JORGE – *Sim, foi o vanguardismo dessa figura. Vanguarda enquanto médica, mas sobretudo vanguardista pela forma moderna como encarou o feminismo, na associação aos homens que tomou como amigos e não*

como adversários nessa contenda, e o lugar de vanguarda que ocupou, na Europa, enquanto mulher maçon. Ela foi pioneira em várias frentes, e teve uma infância sem letras. Essa recuperação da mulher do povo, sem instrução, que alcança um lugar de destaque pela sua capacidade de luta e inteligência, comoveu-me muito.

6 Sobre a obra “O silêncio” (1981), a senhora a considera de cunho feminista por ser lida dessa forma por alguns críticos que veem em Lídia uma personagem transgressora dos “valores morais” impostos principalmente às mulheres?

□ T. GERSÃO – *Nunca sei nem tento colocar rótulos, nem considero os meus livros deste modo ou daquele. Deixo inteira liberdade aos leitores (incluindo, como é óbvio os críticos, que são leitores privilegiados, porque particularmente qualificados), para os definirem como entenderem.*

7 A mulher ficcional que se apresenta na literatura contemporânea, na sua opinião, reflete, a mulher dos tempos ditos modernos? Por quê?

□ L. JORGE – *Sim, reflecte. Na literatura de hoje reflectem-se os temas próprios dos nossos tempos – as custas da emancipação, a solidão, o envelhecimento, a luta desigual pela biologia desigual, a sua inquietação social em face das desigualdades, dos efeitos da guerra, dos efeitos nefastos da religião quando castradora, a sua compaixão pelos deserdados, a sua consciência em face da rapina sobre os bens da Terra, o desejo de conhecimento, de amor, desejo de criar uma outra gramática de entendimento entre os homens, e destes com a Natureza, e assim por diante. Finalmente, as mulheres aprenderam a ler e a escrever as suas vidas por inteiro. E ao falarem de si mesmas, falam do mundo que as cerca.*

□ T. GERSÃO – *Nos bons escritores, necessariamente sim. Porque eles escrevem sobre o mundo real, sobre o tempo em que vivem.*

8 Virgínia Woolf, bem como as críticas feministas Susan Gubar e Sandra Gilbert afirmam que a literatura até recentemente predominantemente masculina, apresenta uma mulher-ficcional “anjo” ou “demônio”. Na sua opinião, o homem-escritor contemporâneo representa a mulher diferente do que fazia no Romantismo e no Realismo?

□ L. JORGE – *Não há mais essa distinção maniqueísta, a não ser num caso ou noutro. As escritoras que mais admiro, hoje em dia - veja o caso da Herta Müller, da Rosa Montero, da Tonny Morrison... – nunca são “dualistas”. O bem e o mal atravessa todos os seres da sua ficção. Aliás, Agustina, Nélida Pinõn, Lígia Fagundes Telles não dividem boazinhas para um lado, más para o outro*

lado. O romance psicológico ensinou a mergulhar na intimidade dos pensamentos, levou a acompanhar a voz interior até ao fundo da deliberação, e da evocação, e da memória. Esse tipo de escrita própria do modernismo que todos herdámos não permite a criação de personagens “totalitárias”. Estamos muito longe desse modelo antigo da pintura monolítica das “personalidades” literárias.

□ T. GERSÃO – *De certeza que sim, o Romantismo e o Realismo pertencem ao passado. O mundo mudou, a sociedade é hoje outra, as pessoas são diferentes. Os escritores que interessam são os que deram conta de tudo isso. Necessariamente, vêem o mundo - e as mulheres - de outra forma.*

É verdade que a grande “revolução” da mentalidade e da sociedade foi levada a cabo sobretudo pelas mulheres. Elas provaram caminhando que se podia caminhar, e rebentaram com todas as ideias feitas, simplesmente ousando viver e vivendo. Provaram que quase tudo o que a sociedade pensava sobre elas era errado. Julgava-se por exemplo que não tinham capacidade de pensamento abstracto, que nunca seriam matemáticas, filósofas, cientistas, que não tinham capacidade de liderança, que não podiam ascender a lugares de topo nas empresas e na política. Mas, embora ainda haja caminho a fazer, olhem à volta e vejam... As mulheres mudaram, o mundo mudou, e os homens, e a sua forma de verem as mulheres, também...

9 A linguagem subjetiva e fragmentada, além do carácter introspectivo, que a obra “Paisagem com mulher e mar ao fundo” (1992) possui, marca esse romance como uma obra de “escrita feminina” (pois possui um ritmo, um tema e um tom diferentes do discurso “universal” masculino). A senhora concorda com essa afirmação?

□ T. GERSÃO – *Penso que essa linha de pensamento vem de Freud, para quem só havia um sexo, o masculino. A mulher era um ser desviante, em falta e em falha, em relação a esse padrão masculino, único. Esses conceitos sabemos hoje que são completamente falsos. No imaginário da cultura e da mentalidade actual não existe um só sexo, mas dois, e nenhum é desviante em relação ao outro, ambos são completos e sem falhas.*

Em relação a “Paisagem”, penso que o universo ditatorial de O. (liveira).S. (alazar), que é o pano de fundo e a “paisagem” em que tudo se inscreve, é constantemente posto em causa pela voz rebelde e revoltada da personagem da mulher. Podemos vê-la como dissidente do universo masculino que a ditadura impunha, em que a mulher não tinha voz, nem realmente acesso ao mundo. Nesse sentido, acho que a interpretação citada está certa. Acredito que o carácter fragmentário e introspectivo podem ser características da escrita das mulheres. Mas, como referi, nunca me debrucei realmente sobre esse tipo de questões.

10 Suas personagens femininas têm algo de Teolinda Gersão? Conscientemente?

□ T. GERSÃO – *Têm sempre alguma coisa, embora me ultrapassem e sejam diferentes de mim. Tenho consciência disso, embora saiba que isso acontece sempre, com todos os escritores, em maior ou menor grau.*

11 As teorias feministas apontam a experiência como palavra-chave para justificar e definir uma “escrita feminina”. De alguma forma, a sua experiência como mulher facilita a composição de suas personagens femininas em detrimento das masculinas?

□ T. GERSÃO – *Há escritores que escrevem sobre lugares onde nunca foram. Eu seria incapaz. Se quiser escrever sobre um lugar, terei primeiro de viver lá*

algum tempo, de conhecê-lo, de modo directo, sem intermediários, contactar quem lá vive, saber como é o clima, a paisagem, as pessoas, que problemas têm, como o seu mundo se organiza. Parto sempre da experiência, vivida ou vista viver por outros, para depois saltar para “outra coisa”, que ultrapassa as circunstâncias e o que há de particular na história. Claro que a minha experiência como mulher facilita a criação das minhas personagens femininas. Mas confesso que estou imensamente curiosa por saber como as mulheres e os homens vão ler o meu próximo livro.

Recebido: 10/08/2012
Aprovado: 30/08/2012
Contato: lud_mello@hotmail.com